

Marcílio vive um dia tenso

Preocupado com as dificuldades que o Clube de Paris vinha colocando desde segunda-feira para renegociar a dívida brasileira de US\$ 21 bilhões, o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, convocou ontem, no final do dia, uma reunião com todos os embaixadores dos países ricos (Grupo dos 7) e mostrou que o programa de estabilização econômica do Brasil sairia prejudicado caso não se chegasse a um acerto que pudesse ser cumprido pelos brasileiros. Enfático, o ministro lembrou que os países que estavam dificultando em Paris eram os mesmos que aprovaram a carta de intenções apresentada ao Fundo Monetário Internacional (FMI). "O Brasil espera que haja a mesma compreensão manifestada em janeiro, na reunião do Board do FMI, em Washington".

O encontro de Marcílio com os embaixadores e encarregados de negócios durou 40 minutos e o ministro foi questionado principalmente sobre capacidade de pagamentos do País. O encarregado de negócios do Japão fez a maior parte das perguntas. Marcílio afirmou que o Brasil não tinha condições de pagar o que os bancos centrais dos 12 países do Clube vinham exigindo. "Temos boa vontade, mas não podemos arcar com parcelas que superem nossa capacidade de pagamentos", afirmou.

Encontro

Marcílio decidiu se encontrar com os embaixadores depois de receber uma ligação, pela manhã, do presidente do Banco Central, Francisco Gros, que lidera a equipe brasileira em Paris. Gros, pela primeira vez, estava pessimista. Explicou que a equipe passara toda a noite reunida e todos se encontravam exaustos. Alguns pontos haviam sido superados na noite, como a possibilidade de se reduzir a concentração de pagamentos nos dois primeiros anos. O Brasil também cedeu e já havia baixado o prazo de reescalonamento, inicialmente co-

locado como 18 anos.

Com a imagem transmitida de manhã por Francisco Gros, Marcílio admitiu às 10h00 de ontem, ao abrir a reunião do Conselho Monetário Nacional, que a equipe brasileira que se encontrava na capital francesa renegociando a dívida com o Clube de Paris poderia interromper as conversações, "talvez por uma semana", e voltar a Brasília, por causa das dificuldades. "É uma negociação estafante, inclusive porque as duas delegações ficam em salas separadas, com uma pessoa indo de um lado para o outro. Uma coisa psicologicamente cansativa".

Ao voltar ao seu gabinete, após o encontro com os embaixadores, por volta das 19h00 (de Brasília), Marcílio recebeu nova ligação de Francisco Gros, desta vez totalmente tranquilizadora. À tarde, pouco antes do ministro se reunir com os embaixadores, os representantes do Clube de Paris começaram a ceder e já se aventava inclusive a possibilidade de novos financiamentos ao Brasil nos próximos anos.

Para o ministro da Economia, a dificuldade maior se resumia à capacidade brasileira de remeter dólares ao exterior. Ele explicou ao CMN que os pagamentos ao Clube de Paris se concentram nos próximos dois anos e isso sobrecarrega o Brasil. A equipe brasileira propôs pagar a dívida (o total bate nos US\$ 22 bilhões) em 18 anos, prazo que foi contestado pelo Clube de Paris.

No Ministério da Economia, desde a semana passada havia um clima de que o acordo sairia em um ou dois dias. Os representantes brasileiros, no entanto, foram surpreendidos pelas exigências dos governos que integram o Clube de Paris. Uma negociação que parecia ser extremamente fácil acabou provocando sobressaltos na equipe econômica.